

# A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## 9 DE ABRIL

Revestiu um brilho que ninguém esperava a festa aos heróis desconhecidos. Mortos combatendo pela Patria, mostraram ao mundo que o Portugal das descobertas e conquistas ainda vive e que o sangue que verteram nos lamaçais da Flandres e nas plagas africanas é bem o generoso sangue português, sangue daquelles que fizeram do nosso país o maior e mais poderoso do mundo.

Organizada pelo nosso amigo capitão Fraga, administrador do concelho, teve lugar uma parada das forças da guarnição de Guimarães.

A's duas horas repicaram os sinos e as forças em parada fizeram a continência á bandeira. A banda regimental tocou em surdina a «Portuguesa» e os corneteiros do regimento, o corneteiro da G. R. e os clarins dos Bombeiros Voluntários tocaram marchas de continência e o povo descobriu-se e conservou-se em religioso silencio durante um minuto. Em seguida as forças recolheram a quartéis.

No regimento de infantaria 20, ás forças em formatura geral, o nosso amigo alferes Guedes Gomes, fez uma brilhante allocução que adiante publicamos. O alferes Guedes Gomes foi um dos bravos combatentes da Flandres. É um velho republicano, girando-lhe nas veias o sangue beirão, franco, leal, amigo do seu amigo. Não é só um sentimental, como éle se diz. É mais. É um poeta na maior amplitude do termo.

O seu discurso feito quasi de improviso, ao correr da pena, é um bom trecho literario. E depois de mostrar as suas boas qualidades—que nos perdoe o amigo— não devemos tambem encobrir o seu grande defeito. É um grande preguiçoso. Nada faz e quasi nada tem produzido. Alem de curtissimos trechos de poesia, feitos em horas nostálgicas, nas aulas quasi sempre (saúdosa vida de estudante!), em que éle se revela um espirito superior que, querendo, poderia marcar, nada mais tem feito.

Oxalá que as nossas palavras lhe sirvam de incitamento e que nos dê mais vezes o prazer de vermos prosa ou verso seus nestas colunas.

Damos em seguida o discurso do nosso amigo:

*Ex.º Comandante, ex.ºs officiais, sargentos e soldados do meu regimento* — Nove de abril, glorioso dia.

Faz hoje três anos que nas trincheiras da Flandres, sangue de Portuguezes banhou o chão da França; fez hoje três nos que os soldados de Portugal, ao tom-

barem no campo de batalha, mostraram ao mundo que quando não podem vencer vivendo, sabem vencer morrendo nos seus postos.

Heróis desconhecidos!... Hontem pobres filhos do povo, hoje santos filhos da Patria. Junto dos seus corpos frios, misticamente a Patria ajoelha e canta hinos de gloria... Ha sorrisos despontando nos labios das crianças, rosários desfiados por tremulas velhinhas, corações palpitando nos peitos das mulheres. Ha canções misteriosas no marulhar das aguas, afagos de ternura no perpassar da brisa, lindas frases de gloria no murmurar das fontes. É a natureza a louvar os heróis desconhecidos, é a Patria a beijar os seus chorados filhos.

Não vou rendilhar frases, não vou tecer coroas de louros para adornar os tumulos dos heróis desconhecidos; vou somente dizer-vos o que sente a minha alma de soldado, o que sente o meu coração de Portuguez.

É uma comemoração funebre, bem sei; mas para mim, para o meu temperamento de sonhador, a glorificação dum herói, o reconhecimento da Patria ao filho que tão bem a soube amar, é um sintoma do ressurgimento da raça, é uma prova de que ainda existe essa chama ideal que em épocas passadas fez saber ao mundo que havia Portuguezes. É a glorificação dum soldado? Sim. Mas é sobretudo a glorificação dum Portuguez. É eu sei lá se ésses que hoje entram no numero das glorias nacionais, será algum daqueles que comigo andaram pelas planicies nevadas da Flandres a escreverem com sangue mais uma pagina doirada da nossa historia patria! Esta festa—e eu chamo-lhe assim porque para mim uma glorificação é sempre uma festa—deve fazer vibrar todo o sentimentalismo da raça, deve fazer bater todo o coração que é e sabe ser Portuguez.

Junto dos tumulos destes heróis desconhecidos todas as Mães podem ir verter o seu pranto de saudade pelo filho morto em defesa da Patria; ali, junto daquelles tumulos, todas as esposas, em piedosos romagem, podem ir contar todas as agonias das suas almas; ali, junto daquelles tumulos, todas as noivas podem ir apontar as contas dos seus rosários de ilusões futuras, que uma bala inimiga cortou e espalhou nos campos de batalha; é ali, finalmente, que todo o Portuguez, todo o que ama a sua Patria, deve ir buscar o exemplo do sacrificio estoico.

Soldado! é para vós que eu vou falar.

Sabeis o que motiva esta comemoração? É que os cadaveres de dois portuguezes como vós; dois homens a quem muitas vezes do'reu o sol brilhante da nossa Patria; dois homens a quem muitas vezes afogou com mãos de arminho a brisa subtil dos nossos montes; dois homens a quem muitas vezes perfumou

o aroma ideal dos nossos campos, vão dar entrada no templo onde se guardam as glorias nacionais. E porquê? Porque ésses homens, abandonando pais, irmãos, filhos, noivas ou mulheres, souberam, como Portuguezes, morrer heroicamente, em defesa da sua Patria.

Eram soldados como vós. Nas vestes a côr pardacenta das nossas terras, mas nas veias, a girar, sangue vermelho, côr do sol poente; no olhar, a doce suavidade duma tarde de agosto; mas no peito, no peito a bater, um coração de Portuguez.

Eram soldados como vós, sabei. Como vós, éles tinham as suas casas, os seus affectos; como vós, éles tinham o horizonte esperançoso da sua mocidade sã; mas, como vós, éles tinham a obrigação de defender a sua Patria. E que nobreza, soldados; que nobreza de sentimentos possui o que sabe ser Patriota!...

Junto das urnas funerarias desses soldados desconhecidos que hoje alcançam o apogeu da gloria, curvam-se reverentes as grandes nações do mundo. A França, para prestar as ultimas homenagens aos heroicos soldados de Portugal, manda-nos uma das maiores figuras da guerra, o grande vencedor do Marne; a Italia, o comandante em chefe dos seus exercitos; a Inglaterra, um dos seus mais gloriosos generais; a America e a Espanha, as suas melhores unidades navais de combate; e isto, soldados, que para nós, militares, é um motivo de orgulho, deve ser para todos os Portuguezes uma prova de que as grandes nações souberam compreender o nosso enorme esforço e sacrificio.

Soldados! Que este glorioso dia jamais se apague da vossa memoria; que as homenagens que a Patria hoje tributa aos vossos camaradas desconhecidos, vos incitem sempre no nobre cumprimento dos vossos deveres de filhos de Portugal, e que, se amanhã fôrdes chamados a defender a Patria, tomando o exemplo destes heróis desconhecidos, o fazeis com honra.

Honrai a Patria que a Patria vos contempla.

## BEMVINDO SEJA

Tinha declinado por completo o sol radiante daquele formoso dia de primavera e as ávezinhas haviam já calado os seus ingenios e sentidos canticos repassados de doçura e harmonia e recolhido ao frouxel macio dos seus ninhos, quando, inesperadamente, me encontrei com o tal «Gil», cuja morte tinha anunciado neste jornal, devido ás erradas informações que me deram. Era a hora em que o manto negro da noite começa a envolver a amplidão, hora de espectros e de terror para espiritos fracos como o meu.

Caminhava eu, a passos vagarosos, por uma dessas desertas e solitarias ruas da cidade, medita-

bundo e triste, com o cerebro a superabundar de mil ideias confusas e pesado por infindaveis noites de insonias nervosas e gangrenas e com o coração a palpar de receio e de pavor, quando á minha frente se colocou, inesperada e rapidamente, a interessante figurinha do pobre rapaz.

Julguei-me vítima de um mau sonho ou na presença de um fantasma espavorido e de cabelos em pé que tivesse fugido do tumulto para pedir perdão a todas as pessoas que durante a vida ofendeu.

Senti então que uma sensação gélida, ultra-fisiológica, me percorreu o canal raquidiano, indo activar com a sua acção excitadora as microscópicas células que compõem a minha protuberancia anular e que tão graves consequências me ia causando. Que susto!... Que susto apanhei!... Ainda fechei a mão em forma de figa e rezei, intimamente e com fervor, um «Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso» a ver se esse que julgava um fantasma me deixaria em paz... Tive coragem, porem. Olhei-o fixamente, serenamente, impavidamente, numa contemplação instintiva e vi então que a minha fantasia tinha mentido, que estava defronte não dum fantasma desgrenhado e de olhos espantados, mas sim dum gaiato forte, cheio de vida e saude, pronto para os mil combates do mundo.

— Sorri-te, minha alma!... Alegra-te meu coração!... Rasgai essas vestes negras que vos envolvem e onchei-vos de satisfação e alegria, como aquela que possuieis antes de terdes conhecimento da morte daquele que tanto estimaveis!...

Apresenta-se distintamente, o recenhegado, com galhardia e pompa. Traz novos nomes na coleira, talvez por causa da policia e ha no seu lindo facinho um ar de prazer e satisfação. Treme-lhe a cauda irrequieta e sempre erguida em espiral e bate com as patinhas de contente.

Cumpr-me, como bom informador que desejo ser, ilucidar o publico, referindo-lhe tudo quanto soube acerca deste assunto. Disse-me particularmente e muito em segredo (isto que não passe daqui, por favor) um amigo ali da... da vizinha esquitta que devido aos desatinos e loucuras que continuamente cometia, o rapaz dera entrada numa casa de reclusão, passando depois daí para um manicómio especial.

Agora, porém, como todos vêem, ei-lo que se apresenta vivo e de saude, mas um pouco mais pacato e socegado, sem aquelas aleivosias que revoltavam, tendo contudo ainda algumas incoerencias, proprias do seu

## Afonso Costa

Está em Lisboa, devendo regressar em breve a Paris, o snr. dr. Afonso Costa, o mais alto talento de estadista deste país, e que lá fóra, tanto tem sabido engrandecer o nome de Portugal.

A nação inteira rejubila por vê-lo, depois de tão longa ausencia, a dentro dos muros da sua Patria e as manifestações as mais carinhosas e entusiasticas sucedem-se, aclamando-o e exortando-o a que retome a actividade politica, não voltando para o estrangeiro.

Com efeito, todos nós ficaríamos tranquilos e com absoluta fé no futuro se o vissemos de novo trabalhando activamente na politica interna. Mas devemos confiar e saber esperar.

Confiar no alto patriotismo de Afonso Costa e no seu indefectivel amor pela Republica. Esperar que éle não deixará de voltar ao seu país e ao parlamento na oportunidade que, melhor do que ninguém, éle saberá discernir.

Temos tanta confiança no seu enorme talento como na sua extrema dedicacão pela Patria. Sejam quais forem os seus sacrificios pessoais éle estará sempre onde melhor possa servir a Republica. Não o perturbemos na sua orientacão, embora a nossa fé pelas suas extraordinarias faculdades de homem de Estado e a ansia por o vermos á frente dum governo, que nos salvará, nos provoquem um desejo irresistivel de o não deixarmos afastar para longe.

espirito tacanho e fraco. No entanto, vem resolvido a seguir novos caminhos, diferentes daqueles que trilhára noutros tempos.

Promete não continuar a dizer coisas feias, proprias de prostibulo ou de taberna de infima escala, como aquelas que disse pela bôca do imundo e obsceno «Aristoteles» que todos nós muito bem conhecemos.

Continuará, da mesma forma, a ser pregoeiro dum ideal falso e morto; o baluarte duma causa mutilada e perdida; o acerrimo defensor de meia duzia de imbecis e ambiciosos, mas nunca mais será grosseiro e atrevido, calunizador e piegas.

Agora, recomendando-lhe muito juizinho, termino por dirigir o meu cartão de felicitações e de boas vindas ao interessante gaiato.

RUI DE PORTUCALIS.

**Aos nossos assinantes**

Prevenimos os nossos prezados assinantes de que vamos proceder á cobrança do 2.º semestre do nosso jornal. Rogamos, porisso, a fineza de satisfazerem o pagamento logo que os recibos lhes sejam apresentados, evitando-nos, assim, mais trabalho e maiores despezas.

**Católicos e... operários**

Não sou de Guimarães. Sei, porém, que esta pequena cidade é um grande centro industrial e suponho que aqui deva haver grandes massas operárias, bem ou mal organizadas. Eis o que eu posso dizer da organização dessas massas:

Em Guimarães ha um círculo católico de operários. Esse círculo católico organizou nos últimos dias grandes festas e na passada segunda feira uma conferencia, coisa assim parecida com um comício.

Fomos lá e gostamos. Francamente, gostamos! Achamos-lhe mesmo imensa graça. Em Guimarães até apetece ser operário. Os camarotes cheios de senhoras com «toilettes» caras e vistosas. Parecia que estavam numa recita de gala do S. João. Estas senhoras eram das familias dos socios. Ditosos socios... ditosos operários de Guimarães que tem dinheiro para se vestir de «frack» e trazer a familia com um luxo oriental.

A porta vimos uns petizotes, andrajosos e esfomeados que pediam esmola. Filhos de capitalistas, com certeza.

Abriu a sessão com um discurso proferido pelo Tomasinho. Perguntei em que ramo de industria trabalhava. Não me souberam dizer. Varias pessoas a quem fiz esta pergunta, riram-se. Deduzi, pois, que era um operário sem trabalho. Mas lustroso, bem posto, com uma vozinha meliflua que encanta e prende... Daqui te saído, Tomasinho.

O Tomasinho apresentou os oradores, todos de fora, membros de outros círculos, todos católicos e certamente também todos operários. Em seguida convidou um companheiro, de «fack», péra bem tratada, um pouco de lustrina na cabeleira, que é conhecido pelo «sobriquet» de conde, nome que lhe foi posto por uma madama que mora lá para as Anstrias, chamada Conegundes ou coisa parecida. O certo é que o nome pegou e toda a gente o conhece por conde. Tem graça que em Guimarães ha varios «sobriquets» que cheiram a nobreza que tresandam. Ha um engraxador a quem chamam marquês...

O tal conde falou, fez historia. Coisas com que pouco aproveitaram os operários... coisas com que muito aproveitariam se lá estivessem os católico-monarquicos.

Convidou para secretariar dois outros operários: um de «frack», outro mais democraticamente vestido, de jaquetão.

Vieram os oradores. O padre Caldas é um novo, inteligente, corp bastante conhecimentos. Tem para mim um pequeno senão. É esquecido. Não se lembrou de falar, quando se referiu a matanças, na de S. Barthelemy, a mais barbara de toda a historia. Nem falou nos horrores da inquisição, naqueles assassinatos a sangue frio, mancha negra na historia de todos os países onde se estabeleceu o jesuitismo. Errou também, um pouco, quando na defesa dos jesuitas disse que foram eles que ajudaram a expulsar os franceses.

Não, sr. padre Caldas. Foram

os frades de diversas ordens, mas não me consta que ai andasse a Companhia de Jesus. Prosseguiu discursando de tal maneira que não receberia protesto do dr. Ramada Curto ou de qualquer outro chefe socialista. Bravissimo!... Socialização das industrias, comparticipação nos lucros, etc. En esperava a todos os momentos ouvir retumbar no teatro, saído dos labios de s. ex.ª, um — abaixo o capital! Não ouvi e tive pena.

Seguiu-se o dr. Fonseca que deliciou os ouvintes com uma jovial palestra. Uma linguagem correctissima mas chã, propria para ser compreendida pelos operarios que o ouviram. Se soubesse hipnotisar teriamos as nossas auto-idades caídas em sono letargico no fim do seu discurso...

Fez rir a bom rir. Deliciou a assistência. Uma senhora, perdão, uma filha d'um operario, não gostou duma piada e disse: este homem, naturalmente, casou com alguma vihora. Recomendou aos operarios que se agarrassem a S. José que era um homem digno, um industrial honrado. A madeira que empregava nas construções era boa, afiançada. Era da sua lavra e em abundancia. Não enganava ninguém. Era uma alma simpies. Todos «engravavam».

Falou por ultimo um rapazinho que, levado pelos companheiros, tais coisas fez que teve de fugir para não ser preso.

Rapazinho bem apresentado, nada feio, e, sob e tudo, elegante. Vestia sobre-casaca. Quando falava estava irrequieto. Procurava tirar efeito do gesto, e, como esteve homiziado na Espanha, aprendeu lio bem o requê-o, o salero das «mestras hermanas» que eu von recomendá-lo ao Chico Pires, como um bom numero de variedades, ali no Chantecler.

Casas à cunhal... Ninguém deixará de o ir ver. Em danças classicas deve ser maravilhoso. Fez-me lembrar o Corcadin. Aqui em Guimarães ou noutra qualquer parte, fazia fortuna como professor de dança. Não lhe ache valor para outra coisa, mas aqueles passos do «one-step» encantaram-me.

Não disse nada de novo. Repetiu as palavras do padre Caldas sobre reivindicações sociais. Falsou um pouco quando quiz gabar os filhos de Loyola, atribuindo a um deles a primazia na apresentação de estudos sobre socialização de industrias e comparticipação nos lucros. Foi na terceira internacional de Moscou que se trataram essas coisas com mais desenvolvimento. De resto, a festa agradou. Os oradores foram aplaudidissimos, e, como diria o simpático J. D., assim terminou tão bela festa.

TOURISTE.

**Alexandre Braga**

A voz augusta e sublime da Republica, calou-se para sempre. O atleta da palavra, o artista inegalavel da mais bela das eloquencias, que á causa do povo tinha votado todo o seu grande talento, toda a nobreza do seu coração, morreu. Dizer palavras, que, por mais brilhantes que fossem, ante o seu túmulo, seriam sempre banais, para quê? Basta que choremos em silencio a perda irremediavel que a Republica e a Patria sofrem, e que conservemos religiosamente, na nossa alma, o eco da sua palavra trabalhada com o fulgor e a maestria de grande tribuno que ele era. Para que nunca esmoreça o nosso amor pela Republica e a fé nos destinos da Patria!

**Pior a emenda que o soneto**

Aquela «Prevenção» do ultimo numero do órgão local da falida dissidencia não tem pés nem cabeça.

Então transcreve-se dos outros para atacar, o que significa algo de cobardia, e, lá porque a coisa não agradou a certa camada com que se conta para os votinhos, lança-se a mão á tabua das más interpretações, numa especie de desculpa que chega a parecer humildade?

A quanto obrigas, ó espectro das urnas!

**Economia ou prevenção?**

A taboleta que no Campo do Proposto indicava — para Braga — e que era de grande utilidade publica, desapareceu.

Uns dizem que por economia, fugindo ao novo imposto municipal — o das taboletas — e outros, mais maliciosos, aventam que ela foi retirada para que não viesse um dia a indicar o caminho a seguir aos senhores da situação — Para Braga ou por ai abaixo.

Votamos pela segunda parte.

**Partido Republicano Português**

Determinando o artigo 98.º da nova Lei Organica que se proceda á eleição geral das comissões politicas até ao fim do corrente mês, act) que não foi possivel realizar-se por não estar impressa a nova Lei, o Directorio resolveu prorrogar o praso até fim de maio proximo.

Devendo realizar-se no mês de abril o Congresso geral ordinario, resolveu o Directorio adiar a sua reunião para ocasião mais oportuna, visto ter reunido ha pouco mais de três meses e não estarem eleitas as novas comissões.

Lisboa, 30 de Março de 1921.

A Comissão Executiva:

Alfredo Rodrigues Gaspar  
J. M. Nunes Loureiro  
Vitorino Guimarães.

NOTA — As requisições da nova Lei Organica, devem ser acompanhadas da importancia de \$50 por cada exemplar.

**Noticiario**

**Aniversario**

Passou no dia 8 o aniversario natalicio do nosso prezado amigo sr. Francisco Gonçalves da Cunha, administrador de «A Velha Guarda».

Sinceramente o felicitamos

**Grupo Juvenil Vimaranesense**

Damos a seguir o resumo da festa que se realizou neste Grupo, no dia 9 do corrente, em homenagem aos Heróis Desconhecidos.

E am 10 horas e 45 minutos da noite quando o sr. presidente da direcção convidou para presidir á sessão o ex.º administrador do concelho. O secretario do Grupo leu uma saudação á dignissima autoridade, segundo-lhe no uso da palavra o tesoureiro, sr. Elísio Gonçalves que fez um brilhante discurso, terminando por apresentar o conferente, sr. Miguel Ribeiro Guimarães, vice-presidente do Grupo.

Apraz nos dizer que a conferencia foi toda cheia de patriotismo, terminando por um viva á Patria e á participação de Portugal na guerra. No final da conferencia o orador foi abraçado pelo ex.º administrador e comandante da Guarda Republicana.

Foram recitadas poesias alusivas ao acto pelos snrs. José de Freitas Neves, Joaquim Elísio Gonçalves e Miguel Ribeiro Guimarães.

Terminou a festa por um brilhante discurso proferido pelo cidadão Duarte Fraga, illustrado administrador deste concelho. A sua oração que foi brilhantissima, foi coroada, ao terminar, por uma demorada salva de palmas.

Ao encerrar-se a sessão foram levantados muitos vivas á Patria á Republica, ao Exercito e ás autoridades.

O salão estava adornado com crepes e plantas. A guarda de honra era feita por praças da Guarda Republicana.

**As novas franquias**

**Taxas e côres dos selos**

Pelo ministerio do Comercio foi publicada uma portaria dizendo que os selos de franquias para correspondencias postais, tanto no Continente como nos Açores, sejam das seguintes taxas e côres a comecar no dia 1 do mês de abril corrente: 1/4 de centavo, côr sépia; 1/2 centavo, preto; 1 cent., cinzento avermelhado; 2 cent., amarelo; 2 1/2 cent., violeta; 3 cent., azul electrico; 4 cent., verde claro; 5 cent., rosa; 8 cent., violeta escura; 10 cent., côr de tijolo; 11 cent., verde escuro; 15 cent., côr de chocolate; 24 cent., verde azulado; 30 cent., terra de cassel; 36 cent., encarnado; 50 cent., laranja; 60 cent., azul; 80 cent., magenta; 90 cent., azul oriental; 1 escudo, lilaz; 1\$10, listre; 1\$20, verde; 6\$00 einzento escuro.

Diz que sejam creados postais simples de 18 centavos e de resposta paga de 18 mais 18 cent., impressos a verde-azulado, para o serviço ultramarino e bilhetes postais simples de 36 centavos e resposta paga de 36 mais 36 cent., impressos a encarnado, para o serviço internacional.

Que sejam creados bilhetes cartas para o mesmo serviço internacional das taxas de 60 cent., impressos a azul escuro e de 30 cent. de terra de cassel; que sejam creados selos do porteado das taxas de 42, 24, 36, 60 e 72 cent. e de 1\$20 em verde americano. Que os restantes selos do porteado sejam de fulgor impressos na referida côr verde americano, continuando os existentes em circulação até ao seu esgotamento; que de 1 de abril corrente sejam suprimidos os selos postais das taxas de 1 1/2 cent.; 3 1/2 cent.; 5, 7 1/2, 13 1/2, 14, 15 e 18 cent., e os bilhetes postais de 3 e de 3 mais 3 cent., e os bilhetes cartas de 7 1/2 cent., continuando, porém, em circulação os que existirem até seu completo esgotamento.

SEPTA FINEBRONA  
15 EPISÓDIOS — 31 PARTES  
POLICIAL

**A N U N C I O S**

Tijolo para construções  
Telha francoesa  
Cimento e ardósias  
Madeiras de pinho e castanho  
VENDEM;  
Carvalho, Moreira & C.ª, L.ª  
V.ª N.ª DE FAMILICÃO

**Maquina de costura**

Vende-se uma, completamente nova e com três gavetas, por 300000 escudos.  
Filinto Elisio Guerra, Praça de S. Tiago, 9

**ANUNCIO**

Por sentença de 19 de março e publicada em audiencia de 31 do mesmo mês, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio entre os conjuges Artur Ferreira de Souza Magalhães, residente nas Caldas das Taipas, freguesia de Caidelas, e Tomazia de Souza, residente no Bom Jesus do Monte, «Vila Maria», comarca de Braga, com fundamento no n.º 1.º do artigo 4.º da Lei de 3 de Novembro de 1910, o que se faz publico para os feitos legais.

Guimarães, 12 de Abril de 1921.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães

O escrivão-ajudante,

Antonio Pereira.

**MADEIRA**

De castanho, cerdeira, platan, australia, freixo, choupo, amieiro, etc., com 3,5, 4 e 7 cm de espessura e 15 a 40 cm de largura por 2,70 de comprido, vende

Jordão, Guise & C.ª

GUIMARÃES

**VENDE-SE**

Uma motocicleta ALLRIGHT 5-7 H. P., em bom estado de conservação.

Informa: Drogeria Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessor, Rua da Republica, 84-92.

Pianos Vendem-se diversos para estudo. Falar nesta redacção.

**COFRE**

Vende-se com uma porta e á prova de fogo. Para informações — Vidraria Fernandes, Rua da Republica.